

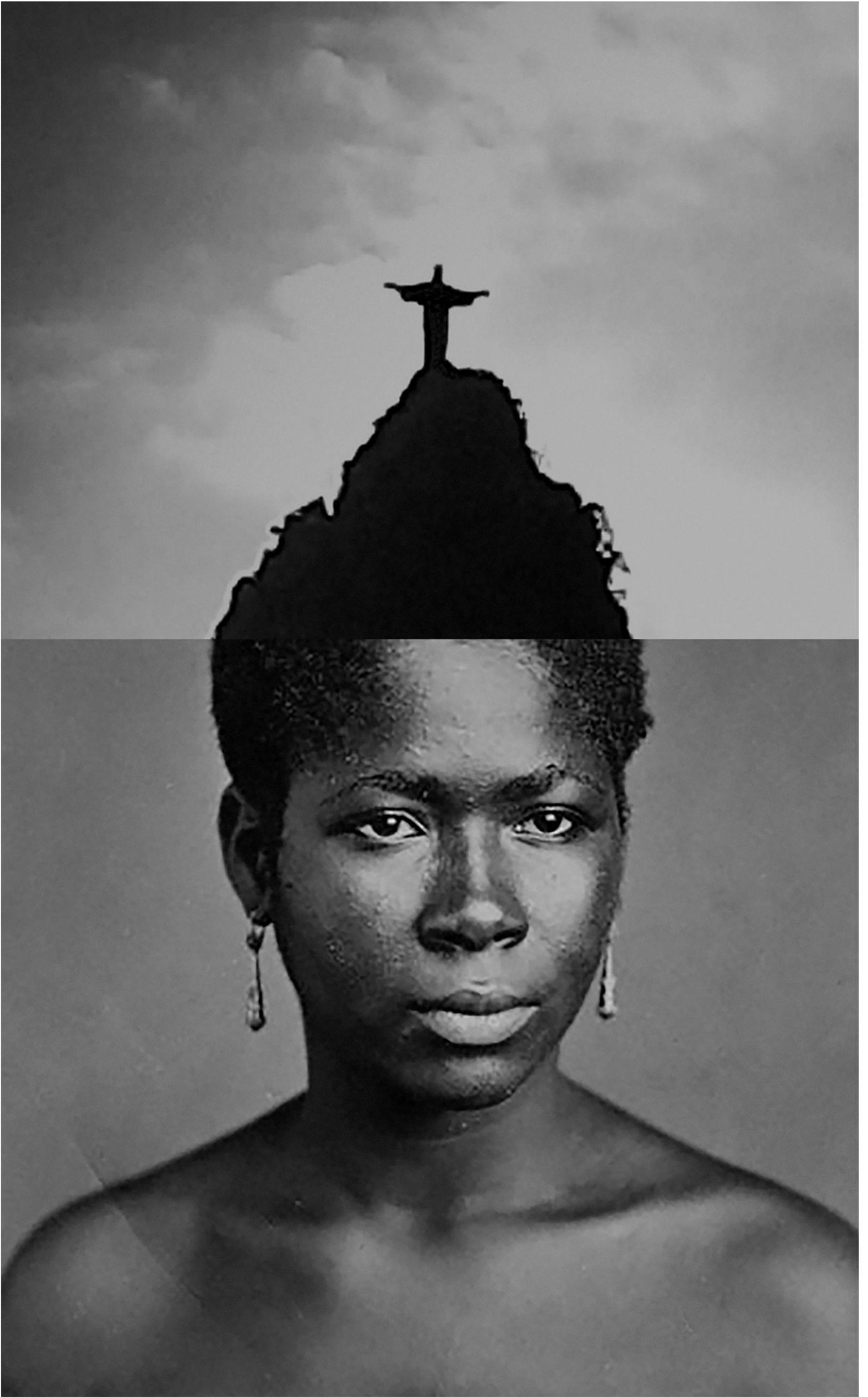
Ri ve rs

Joelington Rios, mas conhecido nas redes sociais pelo nome artístico __Rivers, é artista visual quilombola formado pela EFOCO-Escola de Fotografia Documental e Comunicação Crítica, do Rio de Janeiro. Rivers é natural do quilombo Jamary dos Pretos, localizado na cidade de Turiaçu, Maranhão.

Atualmente o artista reside e trabalha no Rio de Janeiro. Sua poética está associada a produções fotográficas e fotomontagens, sendo esta última uma composição de diferentes imagens para criar uma nova, com elementos e significados próprios, distintos das fotografias originais usadas para a composição.

Neste dossiê, publicamos sua série de fotomontagens em preto e branco intitulada "O que sustenta o Rio". Segundo o artista, este trabalho nasceu a partir de suas vivências cotidianas. Para ele, "O que sustenta o Rio" são reflexões que se apresentam como questionamentos sobre a realidade social em que todos estamos inseridos.

As pessoas as quais seu trabalho faz referência são, crianças, idosos, mulheres e adolescentes moradores de bairros periféricos do Rio de Janeiro.





ENTREVISTA

Márcia Sousa : *Olá, Joellington Rivers. Agradecemos sua generosidade em aceitar contribuir conosco no Dossiê: Po-éticas Pretas de (re)existência. Principalmente por aceitar a publicação das fotomontagens da série "O que sustenta o Rio", que contribui muito para as reflexões que estamos propondo aqui. Pensando pelo viés da (re)existência, como nosso dossiê se propõe a debater, uma informação de grande importância é o fato de você ser um quilombola. Você nasceu e cresceu no Quilombo de Jamary dos Pretos, em Turiaçu, Maranhão. Você pode nos contar um pouco da memória social em torno do nome do seu quilombo e do próprio significado histórico da existência dele para as diversas famílias que o compõem?*

RIVERS: Sim, eu sou um quilombola. Eu nasci e me criei no Quilombo Jamary dos Pretos e gosto de trazer para minhas falas e apresentações essa identidade ligada ao meu território. O meu quilombo é símbolo de luta e resistência no Estado do Maranhão. Para mim é importante destacar as minhas origens como um lugar de potência e resistência. Quanto ao seu nome, *Jamary* é oriundo de uma árvore espinhosa encontrada outrora em abundância naqueles territórios. No período da escravidão, elas constituíam um verdadeiro escudo contra as investidas dos capitães do mato e possíveis invasores. Os próprios moradores acrescentaram *dos pretos* ao nome *Jamary* como uma forma de evidenciar um espaço de resistência dos escravizados. O quilombo é conhecido ainda como *Povoado dos Pretos*, que é uma forma de qualificação étnica que define, através da autoatribuição, uma identidade afirmativa e uma territorialidade própria a um grupo social etnicamente organizado. Com isso, invertemos as características estigmatizantes com que somos conhecidos na sede do município de Turiaçu, onde usualmente somos chamados de "os pretos do Jamary" ou "os pretos da região dos campos" que é a área do município na qual estamos localizados.

Márcia Sousa : *Como ser parte do quilombo afeta seu processo criativo?*

RIVERS: Quando eu entendo e me compreendo como quilombola, penso também que faço parte de uma comunidade, de um povo, de uma cultura. Eu sou um remanescente daqueles que resistiram a tantas violências e opressões, que foram tirados à força dos seus territórios, povos e culturas. Fomos mantidos como escravos aqui no Brasil. Por isso, entendo que faço parte de todas essas relações e elas mediam a minha forma de ver o outro, o espaço e meus afazeres. Eu sou parte do quilombo e isso permeia a minha produção artística. É inevitável que isso aconteça.

Márcia Sousa : *Podemos dizer então que sua escolha de captura é política?*

RIVERS: Somos corpos políticos. Quando entendo isso, vejo que todos temos uma história a ser contada, ouvida e sentida. Tenho a possibilidade de usar a fotografia para contar estas histórias e muitas vezes recriar outras que foram fragmentadas ou destruídas. Deste modo, é sim uma escolha política a proposta de contar histórias invisibilizadas por meio das minhas fotografias e fotomontagens.





Márcia Sousa : *'O que sustenta o Rio'* é uma série de fotomontagens em preto e branco. As imagens e o título da série se complementam. O título é como uma interrogação que ecoa internamente quando o lemos. Junto a ele, temos as fotomontagens que respondem criticamente essa interrogação. Levando em consideração sua experiência no Rio, e para pensar a partir de seu trabalho, você poderia nos dizer o que sustenta o Rio?

RIVERS: O que sustenta o Rio não está só no Rio. Eu acho que é importante ressaltar isto. Apesar do trabalho ter nascido neste Estado, a partir das minhas vivências na cidade do Rio de Janeiro, gosto de pensar que a ideia do *sustentar* vai além desse território. Isto que sustenta o Rio de Janeiro está também no Maranhão, Pará, São Paulo e nos demais Estados do Brasil. Além disso, está na roça, quando o agricultor rega com seu suor a sua plantação; nas cidades, com os trabalhadores do comércio informal carregando pesados fardos.

Posso dizer que este trabalho nasceu na rua, dentro do ônibus, no meu bairro ou, até mesmo, a caminho do trabalho. Ele parte das minhas vivências. É um trabalho sobre as pessoas que eu fui conhecendo ao logo desse processo de descoberta, choques e contrastes. Antes de começar a sua produção, lembro que eu sempre me atentava para os rostos e semblantes expressivos das pessoas. Às vezes, eles se apresentavam cansados e ao mesmo tempo alegres. Existia uma felicidade no canto dos lábios de algumas mulheres, apesar dos fluxos tão cruéis que faziam para chegar aos seus trabalhos. Há meninos da minha idade que eu sempre via vendendo balinhas no sinal. Também eu percebia como meu irmão chegava cansado do trabalho, porque seu chefe o tratava como uma máquina.

Por isso, utilizo símbolos que nos fazem questionar a ideia de pertencimento à cidade, uma vez que muitas pessoas que moram no Rio de Janeiro não têm acesso ao Cristo Redentor, ao Pão de Açúcar e ao bondinho. Desta forma, eu sobreponho e ajusto graficamente a imagem do Cristo Redentor e outros símbolos da cidade à cabeça das pessoas retratadas, quase anônimas, em situações ordinárias, como emblema de pertencimento à cidade do amor e das fricções. A minha série fotográfica faz questão de apresentar o outro lado da cidade, um sistema, uma estrutura de poder que vive da mão de obra destes corpos trabalhadores. Junto a isso, vejo um cristo que não abraça essas pessoas, mais que não ficaria de pé se elas não lhe dessem as bases.

Com a fotomontagem eu tenho a possibilidade de ressignificar, criar, unir e juntar esses corpos, essas pessoas, histórias e vivências que foram apagadas. Assim, remonto novamente essa parte da história que foi fragmentada. Essa técnica me permite unir corpos e mundos que foram separados. O preto e branco das imagens me ajudam a integrar algumas dessas relações.



Márcia Sousa: Qual o contexto da criação deste trabalho, as escolhas iconográficas que a compõem e que se apresentam transacionando entre um passado, presente e futuro de uma estrutura histórica não ultrapassada, mas camuflada e muito sutil no interior de uma metrópole, como é o caso do Rio de Janeiro?

RIVERS: São muitos questionamentos, deriva e errância para demonstrar os desafios de viver na cidade. A série 'O que sustenta o Rio' nasce do contato e da experiência do corpo que se desloca e observa o que está ao redor, dos que pertencem ou não à cidade, que ora vive de sua aparente estabilidade e paz, ora é sacudida pelas questões sociais inerentes ao sistema que privilegia poucos em detrimento de muitos.

A série nasceu um ano depois da minha chegada à cidade do Rio. Eu terminei o ensino médio e, no ano seguinte, comecei a ir além da rota que estava acostumado a fazer entre a favela, onde morava na Zona Oeste da cidade, e Copacabana, na Zona Sul. Desde então, comecei a transitar por outros bairros e localidades, entre minha favela e o centro. Durante esses deslocamentos, a pé ou dentro dos coletivos, eu percebi que existia uma camada de pessoas que estavam sempre presentes entre a zona sul e o centro. São elas que eu chamo de *sustentadores*. Elas estavam sempre em movimento, não paravam. Até então, eu não sabia quem eram, da onde estavam vindo, para onde estavam indo e o que estavam fazendo, já que eu só as via em determinados horários e momentos do dia.





Quando eu começo a me deslocar com mais frequência pelo corpo da cidade e conhecer melhor parte da sua estrutura, essa que se mostra entre o passado, presente e futuro, percebo que há uma desigualdade que até então eu não sentia de forma tão brutal. Vejo uma linha entre o visível e o invisível que corta a cidade e a divide ao meio, criando e separando relações e corpos, que muitas vezes parece que se cruzam, mas que, ao mesmo tempo, criam também um grande abismo entre si.

Um dia, em uma dessas andanças, eu estava na Zona Sul e senti que as pessoas de lá me olhavam de maneira estranha. Isso me fez entender que eu não fazia parte daquele lugar. Desde então, eu começo a questionar a ideia de pertencimento e sobre quem tem direito à cidade maravilhosa, quem faz parte ou não dela. Essas relações se tornam cada vez mais complexas e perceptíveis como o passar dos dias. Então, começo a ligar alguns pontos, entendo que as pessoas que eu costumava encontrar diariamente, aquelas que chamei de sustentadores, não pertenciam à Zona Sul. Essas pessoas eram de outros lugares, invisibilizados e estereotipados pelas mídias.

O Rio só sobrevive por causa dos sustentadores que o mantêm de pé esse tempo todo. Existe um processo de sustentação que começa com a chegada dos negros trazidos do continente africano, desembarcados na cidade do Rio para a sustentar. Isso ainda se perpetua e chega até mim, um retirante quilombola. Então, trazer essas pessoas nesse trabalho é também dizer que elas existem. É resgatar a visibilidade delas. É dizer que seus corpos, suas vidas e seus trabalhos são fundamentais para esta cidade.

